

# QUANTO VALE UM BOM CONSELHO

*Margaret Bourke-White*

**E**U ERA UMA criança tímida quando mamãe começou sua cruzada para me dar coragem. Entre minhas primeiras recordações, estão as palavras dela:

—Vá para diante, encare o mêdo de frente . . . e depois *faça* alguma coisa.

Para ajudar-me a vencer o meu mêdo do escuro, mamãe inventou uma brincadeira para nós à noite, no jardim. Corria em volta da casa numa direção e eu na outra. No canto mais distante, justamente quando começava a tinir de mêdo do desconhecido, eu me precipitava nos seus braços tranqüilizadores. Depois



HÁ 25 anos que Margaret Bourke-White vem percorrendo o mundo, com a sua máquina fotográfica, para fixar grandes acontecimentos—a revolução industrial na Rússia, o advento da liberdade na Índia, a guerra aérea sôbre a Europa, a luta na Coréia.

corria sòzinha em volta da casa tôda . . . e lá estava mamãe no ponto de partida. Dentro em pouco eu enfrentava alegremente o escuro sòzinha todo o tempo que meus pais me deixassem ficar fora.

Muitas vêzes eu acordava durante a noite, convencida de que ouvira barulho de ladrões em casa. Nessas ocasiões, minha irmã Ruth, três anos mais velha do que eu e corajosa como uma leoa, dizia para mim:

—Vamos até lá embaixo para ver.

Forçando-me a arrostar o mêdo, eu percorria tôdas as salas, de mãos dadas com ela. Ao fazer essa coisa simples, verificava que meu mêdo desaparecia; se houvesse realmente um ladrão, creio que o enfrentaria sem pânico.

Quando fiquei mais velha, a experiência mais assustadora da minha vida era ficar em casa sòzinha à



noite. Meus pais foram pouco a pouco fortalecendo minha coragem para enfrentar essa prova. Mamãe me punha fazendo alguma coisa de que eu gostasse—armando um quebra-cabeças interessante ou lendo um livro. Depois, ela e papai saíam para dar um passeio até à esquina, ou para fazer uma visitinha a um vizinho, durante um quarto de hora. Uma noite, quando êles voltaram, percebi espantada que estivera sòzinha durante quatro horas. Depois disso, passei noites inteiras sòzinha, ocupada e contente, completamente esquecida do mêdo. Aprendera não só a afastar o mêdo, como a gostar da solidão.

Hoje que estou levando uma vida que envolve muitas peregrinações por lugares estranhos e, de vez em quando, em contato com perigos reais, sinto que o conselho de mamãe foi o mais sábio que já recebi:

—Encare o mêdo de frente; se não tiver fundamento, êle se dissipará. Se fôr real, faça alguma coisa, e a atividade por si só bastará para ajudá-la a vencer a dificuldade.

Lembro-me claramente de meu primeiro serviço de fotografia aérea. Estava eu tirando fotografias na Cordilheira Azul na Carolina do Norte para uma companhia de aviação. Era desejo expresso da companhia uma vista do belo Lago Lure, uma atração turística, situado na sua rota.

Isso aconteceu na década de 1930 quando ainda não era comum fazer-se trabalho dêsse gênero em aviões pequenos. O piloto tirou a porta da

carlinga e amarrou-me à base do assento, a fim de que eu pudesse debruçar-me para fora e trabalhar. Penetramos nas montanhas, através de um desfiladeiro íngreme e denteado. Entre o agrupamento de picos, o sol desapareceu; estávamos numa imensidão obscura, onde retalhos de nuvens encobriam os picos mais altos, obrigando o piloto a navegar entre êles às cegas.

De instante para instante aumentava a turbulência e o aeroplano era atirado de um lado para outro, como um destroço no mar. Segurar a máquina pesada e impedi-la de voar e bater-me no queixo já era uma luta. Mas o meu verdadeiro mêdo era a convicção cada vez mais forte de que não sairíamos dali com vida.

Foi então que me veio à lembrança o conselho de mamãe.

•—Trate de trabalhar—disse eu a mim mesma com severidade.

Lá embaixo, o Lago Lure aparecia intermitentemente, mostrando-se, por instantes, como uma poça de leite com muitas ramificações e logo depois sendo encoberto pelas nuvens. Talvez as minhas fotografias ficassem borradas e irreconhecíveis pelo sacudir da máquina. Ainda assim, debrucei-me para fora tanto quanto as cordas permitiam e, durante os minutos seguintes, cada vez que o aeroplano mergulhava numa clareira, eu batia uma chapa. Deixei-me absorver tão completamente que, quando saímos das montanhas, senti realmente que precisássemos ir embora.

Anos depois, quando servia como

correspondente de guerra, estava eu dormindo no meu beliche, num navio que cruzava o Mediterrâneo, quando fomos atingidos por um torpedo. O navio deu uma guinada violenta. Eu fui parar no meio do chão.

“Isto é o fim”, pensei, e as minhas pernas tremiam, enquanto eu tateava no escuro à procura da roupa. Pensei então no conselho de mamãe. “Encare o mêdo de frente e faça alguma coisa!”

Agarrei minha sacola, na qual tinha uma pequena máquina fotográfica já carregada, e corri pelo convés muito inclinado em direção ao meu barco salva-vidas. Esperando na fila, notei que o barco estava meio inundado. Uma enfermeira na minha frente tremia tanto que a alça de sua sacola escorregava a cada instante. Enfiei-a por baixo das tiras do seu salva-vidas, prendendo-a. Foi uma coisa insignificante, mas notei que ela parara de tremer e que o meu próprio mêdo desaparecera.

Com todos nós sentados dentro d'água, nosso barco foi abaixado para o mar. Alguns barcos haviam virado, atirando gente na água. Lembro-me particularmente de uma enfermeira. Procurava nadar, grotescamente coberta de óleo. Conseguí pegar-lhe a mão e, não sei como, puxá-la para a beirada da embarcação, onde outras pessoas ajudaram a içá-la para dentro do barco.

As poucas coisinhas que pude fazer para aquecê-la—esfregar-lhe as mãos e os pulsos e amarrar-lhe uma *écharpe* na cabeça—ajudaram-me tanto que

achei oportuno que todos fizessem alguma coisa. E sugeri:

—Vamos tirar a água do barco com os nossos capacetes.

Apinhados como estávamos, isso exigia um certo trabalho de equipe. Tínhamos que encher, passar e esvaziar os capacetes de maneira ritmada, a fim de não perturbar os remadores. Primeiro contamos em côro e depois começamos a cantar enquanto íamos retirando a água, até que o barco ficou quase sêco. Ocupados em nos ajudarmos uns aos outros, foi mais fácil para todos nós esquecer o mêdo. O conselho de minha mãe ajudaram-me a atravessar as 20 horas mais perigosas de minha vida.

Têm-se dito que algumas pessoas ficam aterrorizadas se têm de passar a noite na floresta sòzinhas. Para mim, isso é uma bela experiência que restaura minha vida interior. Eu moro na encosta de um morro e às vêzes saio de casa e armo a cama em algum lugar predileto na mata. O pedaço de céu que vejo no instante de adormecer é emoldurado pelos carvalhos mais altos. Minhas gata se põe de guarda, de costas para minha cama, com a cara voltada para a escuridão da floresta.

De quando em quando, acordo ligeiramente para entrever o espetáculo cambiante do céu. As estrêlas mudaram de lugar. Mais tarde, pode acontecer que a lua tenha surgido, ou que a planície embaixo esteja engrinaldada de neveiro. Os sete sapos que moram no meu lago conversam e eu lhes conheço as vozes.

Um vagalume acende a sua lâmpada verde sob um pé de azaléia. Às quatro horas da manhã, terminada sua tarefa de proteger-me contra os perigos da noite, a bichana salta para minha cama e nós tiramos uma soneca juntas, por mais meia hora.

Depois, eu me levanto para sabo-

rear uma xícara de café, enquanto aprecio a madrugada. Sôbre o novo dia que surge paira um encantamento especial, formado pela magia da noite. Tôda a beleza dessa experiência só é possível porque o conselho de minha mãe e o treinamento que ela me deu me libertaram do mêdo.



### *A Incomparável Serra Circular*

*H. L. Mencken*

O FASCÍNIO que as mulheres exercem sôbre os homens é precisamente o fascínio que o Cabo Hatteras exerce sôbre os marinheiros: são enormemente perigosas e por isso mesmo enormemente fascinantes. Para o homem comum, condenado à banalidade de um trabalho cansativo a vida inteira, elas são o único grande risco que se lhe depara. Sem elas sua existência seria duma segurança e de uma chateza absoluta. Mesmo para o homem incomum, o homem aventureiro, o homem imaginativo e romântico, elas oferecem a aventura das aventuras. A civilização tende a diluir e baratear todos os outros riscos, mas a civilização não tornou as mulheres nada menos perigosas do que eram no tempo de Salomão; continuam desmedidamente ameaçadoras, e por isso mesmo desmedidamente provocantes, e por isso mesmo desmedidamente encantadoras.

O sujeito mais repulsivo do mundo é o homem que, sob o pretexto de decôro e moralidade, se furta ao jôgo do amor. Êle coloca sua própria tranqüilidade e segurança acima da mais louvável das filantropias. As mulheres levam uma vida apertada neste mundo. São oprimidas por leis feitas pelos homens, costumes sociais feitos pelos homens, egoísmo masculino, a ilusão da superioridade masculina. Seu único confôrto é a garantia de que, embora seja impossível prevalecer contra o homem, é sempre possível escravizar e torturar um homem. Essa sensação se torna mais forte quando são amadas. Não se precisa ser um belo tipo, um grande partido, para se fazer isso com eficácia. Qualquer homem é melhor que nenhum. Negar-se a dar tanta felicidade a um preço tão pequeno, fugir do negócio sob a alegação de ser arriscado—é papel de um sujeito medroso e mesquinho.

—*A Mencken Chrestomathy* (Knopf, ed.)